

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO
VALE DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES DEFICIENTES AUDITIVOS

Autora: Barbara Cristina de Sousa

Orientadora: Profª Dra. Leda Maria de Souza Villaça

JUÍNA/2016

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO
VALE DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES DEFICIENTES AUDITIVOS

Autora: Barbara Cristina de Sousa

Orientadora: Profª Dra. Leda Maria de Souza Villaça

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
AJES - Faculdade de Ciências Contábeis e
Administração do Vale do Juruena, para obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem.

JUÍNA/2016

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO
VALE DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Juliana de Souza Sebastião

Prof. MSc. Victor Cauê Lopes

Orientadora
Prof.^a Dra. Leda Maria de Souza Villaça

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido a dádiva da vida, foi através da minha fé Nele que pude chegar até onde estou. Nas horas de dificuldades onde pensei em desistir senti sua presença, como se me segurasse em seus braços e me dissesse “FILHA EU ESTOU CONTIGO, NÃO TE DESAMPARAREI, SIGA EM FRENTE”.

Quero agradecer em especial à minha mãe, Maria Auxiliadora Moura Silva que por menor que seja seu grau de instrução escolar sempre me incentivou a estudar, me dando o amor e carinho necessários para que eu pudesse correr atrás dos meus objetivos, ela quem me amparou, ouviu minhas aflições e angustias, buscando sempre me dar ânimo. A senhora é a melhor mãe que eu poderia ter.

Muito obrigada aos meus irmãos, Lucieni, Sidney, Júnior e Anderson pelas palavras de apoio e incentivo que sempre me deram, essas palavras foram fundamentais para que eu pudesse prosseguir.

Sou grata à minha sobrinha, Pamela, por ter me apoiado em muitos dos meus momentos de fraqueza e tristezas, pela amizade e carinho sempre direcionando a mim palavras de conforto.

Agradeço aos meus amigos Wilson e Karol, pessoas que conheci através do curso e que se transformaram nos melhores amigos que eu poderia ter, nunca me deixaram só em situações de tristeza e sempre estão ao meu lado nos momentos de alegrias e conquistas.

À professora Lídia Catarina Weber que se tornou mais que minha professora, quando precisei sempre esteve ao meu lado. Lembro-me bem do dia em que eu quis desistir de tudo, e ela com seu jeito carinhoso e humano de enxergar ao próximo, me fez refletir e entender que não era a melhor escolha.

Quanto à minha orientadora Leda Maria de Souza Villaça agradeço pela paciência, dedicação e competência em me passar uma “fatia do seu bolo” de conhecimento, que tem muitos andares, porém sempre se mostrou empenhada em transmitir seus aprendizados e experiências. Me espelho em você como modelo de profissional competente e eficaz.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Maria, por ser a pessoa que mais me incentivou para essa conquista, e ao meu pai João que infelizmente não está comigo nesse momento de alegria, pois foi morar ao lado de Deus, sei que está cuidando de mim do céu e me aplaudindo pela minha vitória, as saudades são eternas. Amo Vocês.

Tudo é do Pai
Toda honra e toda a glória
É dele a vitória alcançada em minha vida
Tudo é do Pai
Se sou fraco e pecador
Bem mais forte é o meu Senhor
Que me cura por amor!
(Frederico Cruz)

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES DEFICIENTES AUDITIVOS

RESUMO

INTRODUÇÃO: A equipe de enfermagem tem papel fundamental no processo terapêutico dos deficientes auditivos, principalmente o enfermeiro, visto que este tem contato direto e contínuo com o paciente, tornando-se o elo de ligação entre o paciente e a equipe de saúde. Quando há a falha na comunicação dos envolvidos nesse processo o profissional se depara com a dificuldade em desenvolver cuidados, e o paciente com a incapacidade de absorver ou externalizar informações sobre seu estado de saúde. **OBJETIVOS:** Caracterizar a produção científica em português no período de 2007 a 2016 sobre a assistência de enfermagem aos pacientes deficientes auditivos; analisar a assistência de enfermagem aos pacientes deficientes auditivos e identificar as principais dificuldades dos enfermeiros na comunicação com o paciente deficiente auditivo na prestação do cuidado. **MÉTODO:** Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, delineada por uma pesquisa bibliográfica. **RESULTADOS:** Os artigos abordam os aspectos da comunicação do enfermeiro com o paciente deficiente auditivo e as dimensões da assistência de enfermagem, relacionando com a utilização da Linguagem Brasileira de Sinais no processo comunicativo, verifica a importância da consulta de enfermagem e eficácia da mesma como instrumentos de cuidado ao paciente portador de deficiência auditiva.

Descritores: Assistência de enfermagem, Paciente deficiente auditivo.

ABSTRAT

INTRODUCTION: The nursing team has a fundamental role in the therapeutic process of the hearing impaired, especially the nurse, since it has direct contact and continuous with the patient, becoming the link between the patient and the healthcare team. When there is a failure to communicate the professional involved in the process are faced with the difficulty in developing care and the patient with the inability to absorb or externalizing information about their health status. **OBJECTIVES:** To characterize the scientific production in Portuguese from 2007 to 2016 on nursing care for hearing impaired patients; to analyze the nursing assistance to hearing impaired patients and identify the main difficulties of nurses in communication with the hearing impaired patient in providing care. **METHODS:** This is an exploratory research of qualitative approach, outlined by a literature search. **RESULTS:** The articles discuss aspects of the nurse's communication with the hearing impaired patient and the dimensions of nursing care, relating to the use of Brazilian Sign Language in the communicative process, verifies the importance of the nursing consultation and effectiveness thereof as instruments care to the hearing impaired patient.

Descriptors: Nursing care, hearing impaired patient.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 REVISÃO DA LITERATURA	12
3.1 A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E OS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO.....	12
3.2 RELACIONAMENTO TERAPÊUTICO, UM CANAL DE TROCA DE INFORMAÇÕES	13
3.3 A LINGUAGEM BRASILEIRA DE SINAIS E O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM	15
3.4 O ENFERMEIRO E A COMUNICAÇÃO COM O PACIENTE PORTADOR DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO RELACIONAMENTO TERAPÊUTICO	16
4 MATERIAL E MÉTODO	19
4.1 TIPOS DE ESTUDO	19
4.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	19
4.3 COLETA DE DADOS	19
4.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	20
4.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES DEFICIENTES AUDITIVOS.....	21
5.2 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES DEFICIENTES AUDITIVOS	24
5.3 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS ENFERMEIROS NA COMUNICAÇÃO COM O PACIENTE DEFICIENTE AUDITIVO NA PRESTAÇÃO DO CUIDADO.....	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema a assistência de enfermagem aos pacientes deficientes auditivos.

A deficiência auditiva acontece pela perda total ou parcial, congênita ou adquirida da capacidade de entender a fala através da audição, ela pode se manifestar como leve ou moderada quando a perda é de até 70 decibéis, e severa ou profunda quando a perda auditiva é superior a 70 decibéis (BRASIL, 1994).

De acordo com o censo do IBGE (2010), analisando a população nacional, 23,9% das pessoas possuem algum tipo de deficiência, onde 5,1 % dessa população é constituída por deficientes auditivos. Destes, 7,6 % possui surdez severa, ou seja, é totalmente surda.

A audição juntamente com a fala e a visão viabilizam o processo de comunicação entre as pessoas em sociedade e auxilia na organização das ideias e pensamentos. Quando um indivíduo perde a capacidade auditiva há o comprometimento da comunicação social dificultando a elaboração de pensamentos e ideias e como consequência o prejuízo à fala (BRITTO; SAMPERIZ, 2010).

Essa pesquisa pretende responder o seguinte questionamento: como é a assistência de enfermagem ao paciente deficiente auditivo, segundo a produção científica publicada no Brasil de 2007 a 2016?

Para que a assistência de enfermagem ao paciente com deficiência auditiva seja considerada completa há a necessidade de que os profissionais de enfermagem conheçam a Linguagem Brasileira de Sinais para a efetivação da comunicação, tendo em vista a melhoria no atendimento prestado a esses pacientes, incentivando a autonomia e preservando o sigilo da relação terapêutica entre enfermeiro-paciente (CHAVEIRO; BARBOSA; PORTO, 2008).

A equipe de enfermagem tem papel fundamental no processo terapêutico dos deficientes auditivos, principalmente o enfermeiro, visto que este tem contato direto e contínuo com o paciente, tornando-se o elo de ligação entre o paciente e a equipe de saúde. Quando há a falha na comunicação dos envolvidos nesse processo o profissional se depara com a dificuldade em desenvolver cuidados, e o paciente com a incapacidade de absorver ou externalizar informações sobre seu estado de saúde.

Para responder a problemática da pesquisa têm-se as seguintes hipóteses: há deficiência no ensino de LIBRAS nos cursos de graduação em enfermagem; as técnicas de comunicação não verbais utilizadas pelos enfermeiros não se adequam às que os deficientes auditivos têm contato desde a infância; enfermeiros não buscam capacitação, após a graduação para atenderem portadores de deficiência auditiva.

É rara a situação em que o profissional e o portador de deficiência dominam a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), e mesmo fazendo uso dessa técnica pode haver dificuldade de comunicação com a pessoa surda, principalmente quando a equipe de enfermagem precisa realizar atividades de educação em saúde junto à população com deficiência auditiva, utilizando a LIBRAS, uma vez que a emissão de gestos que os ouvintes fazem, muitas vezes não correspondem ao universo léxico das pessoas com surdez instalada na infância (CARDOSO; RODRIGUES; BACHION, 2006).

Durante a consulta de enfermagem a comunicação é um processo essencial para identificar os problemas que acometem o indivíduo através da manifestação das queixas, bem como seus sinais e sintomas, é importante que o enfermeiro possa transmitir informações a respeito de cuidados que vão auxiliar o paciente em seu processo terapêutico, que indica o grau do compromisso do profissional com o paciente. Sendo assim, é importante que o enfermeiro possua capacitação para atender esse tipo de paciente em questão, tendo também a capacidade de treinamento da equipe de enfermagem com a finalidade de manter a qualidade no atendimento prestado.

Como acadêmica do curso de enfermagem, a escolha pela temática se deu ao perceber que os indivíduos com limitação auditiva têm seu processo comunicativo prejudicado, e essas barreiras entre enfermeiro e o paciente podem colocar em risco a assistência prestada, pois muitos deles fazem uso de acompanhante quebrando o sigilo da consulta tendo, assim, um padrão de atendimento insatisfatório.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a produção científica em português no período de 2007 a 2016 sobre a assistência de enfermagem aos pacientes deficientes auditivos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a produção científica em português no período de 2007 a 2016 sobre a assistência de enfermagem aos pacientes deficientes auditivos;
- Analisar a assistência de enfermagem aos pacientes deficientes auditivos;
- Identificar as principais dificuldades dos enfermeiros na comunicação com o paciente deficiente auditivo na prestação do cuidado.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E OS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO

É através da audição que podemos entender e interpretar os sons. A deficiência auditiva pode ocorrer de forma adquirida, quando o indivíduo nasce com a audição normal e por patologia ou acidente acaba comprometendo parcial ou totalmente a audição, ou de forma congênita, que é ocasionada durante a gestação por doenças adquiridas pela mãe ou horas/dias após o nascimento por complicações do parto (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

Ainda segundo Aguiar e Marcucci (2009), os indivíduos podem ser considerados parcial ou totalmente surdos. A surdez parcial pode ser classificada em leve: quando não atrapalha a obtenção normal da linguagem, mas pode ocasionar alguma dificuldade de articulação ou leitura, moderada: quando é preciso aumentar o volume da fala para que seja notada e surdez acentuada: quando precisa ver de onde está sendo emitido o som para compreender o que foi dito. A surdez total pode ser distribuída em severa: quando o portador percebe a voz, porém não distingue os sons da fala; profunda: onde o indivíduo não percebe e nem identifica a fala, escuta apenas vibrações (não adquire linguagem oral); e, surdez anacusica: quando o portador tem falta total de audição.

A privação auditiva afeta a capacidade de comunicação, por isso com o passar do tempo, foram desenvolvidas algumas maneiras de facilitar a comunicação como a comunicação total, o bilinguismo, o oralismo, a leitura labial, e o método da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (OLIVEIRA, 2011).

A comunicação total tinha como intuito a utilização de qualquer forma que pudesse permitir a comunicação das pessoas surdas, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para favorecer a comunicação entre surdos ou surdo-ouvinte (POKER, 2016).

Segundo Poker (2016), o bilinguismo tende a passar ao surdo duas línguas distintas, ou seja, duas formas de comunicação assimiladas, assim o deficiente auditivo deve obter como sua primeira linguagem, a língua de sinais na comunidade surda. Após isso, a língua portuguesa é tida como segunda linguagem, tanto na forma escrita como de forma oral, e transmitida o mais cedo possível ao surdo.

O oralismo objetivava desenvolver a fala do deficiente auditivo através da fala e da leitura labial. Os defensores dessa teoria esperavam que treinando a audição desenvolveria o resquício auditivo, para que o surdo conseguisse diferenciar os sons e, assim, pudesse falar. Acreditavam, também, que a leitura labial era uma das principais vias de comunicação. Essa tese não foi consolidada, pois os surdos não conseguiram aprender a falar, apenas repetiam algumas palavras sem saber o real significado das mesmas (KALATAI; STREIECHEN, 2016).

Após o fracasso do oralismo, houve um iminente interesse em investigar, em várias áreas da ciência, a importância das línguas de sinais e a influência positiva que elas têm para a aprendizagem e desenvolvimento desse grupo, abrindo uma nova visão para a surdez deixar de ser entendida como patologia e o reconhecimento do deficiente auditivo como bilíngue (PEIXOTO, 2006).

Surge, assim, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), definida como forma comunicativa e expressiva onde são utilizadas as mãos em associação com braços, tórax e cabeça, e a expressão facial para dar sentido as frases e pensamentos. A LIBRAS é um instrumento fundamental para o deficiente auditivo, que lhe permite a comunicação diante da comunidade e entre seu grupo, por isso foi reconhecida legalmente em 2002, pela Lei 10.426 que impõe a LIBRAS como elemento curricular obrigatório para a formação de educadores do ensino médio e superior e, introduzida como matéria optativa no currículo dos cursos superiores (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

A linguagem de sinais permite a socialização do portador de deficiência auditiva tornando-o mais capaz de aprender e mais hábil em suas relações com as pessoas que vivem em sociedade. Torna-se, então um ser passível de valorizar sentimentos, atitudes e crenças, vira participante ativo das vivências com outros humanos, surdos ou não (FALCÃO, 2011).

3.2 RELACIONAMENTO TERAPÊUTICO, UM CANAL DE TROCA DE INFORMAÇÕES

A comunicação é um método que pode ser usado como ferramenta de auxílio terapêutico. Para que isso aconteça é necessário que o enfermeiro tenha conhecimentos e fundamentos teóricos do processo comunicativo e aptidão em relacionamento interpessoal para atuar de forma positiva na assistência ao paciente. Para que esta comunicação seja

efetiva, é preciso que o profissional enfermeiro saiba ouvir, falar quando for oportuno, estar aberto a questionamentos, mostrar empatia, respeito e interesse pela conversa, ser correto e coerente em suas palavras. A comunicação não deve ser realizada de forma intuitiva e muito menos impulsiva, pois não se trata apenas de haver correspondência de ideias entre o enfermeiro e o cliente, deve ser um ato planejado, individualizado e sistematizado, podendo-se utilizar guias e métodos para transformar essa comunicação em comunicação terapêutica (PONTES; LEITÃO; RAMOS, 2008).

Dessa maneira, o enfermeiro deve usar a comunicação como ferramenta de humanização da assistência, mantendo um diálogo empático com o paciente, deve-se visar o esclarecimento de dúvidas quanto ao seu processo terapêutico, diminuindo sua angústia ocasionada pela passividade estabelecida pela patologia (MORAIS *et al.*, 2009).

É de fundamental importância que durante a comunicação com o paciente o enfermeiro estabeleça uma postura e relacionamento empáticos; e que por encontros, mesmo que breves, possam manter a ética e a sensibilidade para, assim poder evidenciar as necessidades de cada cliente. A individualidade, de cada um deve ser levada em consideração, dando ênfase, também, a comunicação não verbal para associar à comunicação verbal do paciente, podendo-se estabelecer uma coerência entre elas, tornando a comunicação eficaz (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

O processo comunicativo, se tratando da enfermagem, exerce uma função fundamental. Para que haja uma assistência de qualidade e humanista, deve alcançar um sentido que privilegie o cliente pelo relacionamento terapêutico, que é um procedimento interativo e personalizado, que envolve compreensão e empatia mútuas entre o enfermeiro e o paciente (MORAIS *et al.*, 2009).

Kantorski *et al.* (2005), consideram que o relacionamento terapêutico é uma ferramenta da assistência do enfermeiro que permite a integração do paciente. Possui práticas voltadas a compreensão do ser humano em sua totalidade e não como a soma de suas partes, com limites, necessidades e potenciais, permite que haja o entendimento do ser humano como protagonista do seu próprio cuidado.

Através do relacionamento terapêutico é possível que o enfermeiro entenda o paciente, estimule-o a participar das decisões em seu processo terapêutico, possibilita que o cliente seja reconhecido como autor de sua história, como um ser que tem experiências, comportamentos específicos, maneiras, raciocínios e ações diferentes dos demais, limites e

potencial, onde o enfermeiro como prestador de cuidados deve adaptar-se a particularidade de cada um e planejar a assistência de acordo com sua singularidade e necessidades (STEFANELLI, 1983).

Segundo Pontes, Leitão, Ramos (2008), para que o relacionamento terapêutico seja satisfatório e a assistência humanizada, é necessário que o enfermeiro queira se envolver e saiba que a sua presença é tão fundamental quanto os procedimentos técnicos, e notar que estar na companhia do paciente, muitas vezes é mais eficaz que qualquer medida terapêutica e essencial na recuperação e manutenção de seu bem-estar físico e psicológico.

3.3 A LINGUAGEM BRASILEIRA DE SINAIS E O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM

A linguagem oral é o tipo de comunicação utilizada pelas pessoas ouvintes, e a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a comunicação utilizada pelos portadores de deficiência auditiva. São duas técnicas distintas, porém, com o mesmo objetivo, a emissão e recepção de informações (CHAVEIRO; BARBOSA, 2004).

De acordo com CEPE (Código de Ética do Profissional Enfermeiro), é direito do profissional de enfermagem “aprimorar seus conhecimentos técnicos, científicos e culturais que dão sustentação a sua prática profissional.” E segundo o artigo quinze, o enfermeiro tem o dever de oferecer uma assistência livre de preconceito de qualquer natureza (COFEN, 2007). Porém, amparado pelo CEPE e pela Lei Federal 10.436, o profissional enfermeiro tem o direito e o dever de fazer cursos de formação em Libras com a finalidade de garantir uma assistência de qualidade aos pacientes portadores de deficiência auditiva (COFEN, 2007). É preciso que o profissional de enfermagem aprimore seus conhecimentos e especialidades, visto que deve acompanhar e atender as necessidades de seus pacientes (TRECOSI; ORTIGARA, 2013).

Chaveiro, Barbosa e Porto (2008, p.4) ressaltam:

Vemos, portanto, uma grande necessidade por parte dos profissionais da saúde em estarem adquirindo conhecimentos desta Língua, para que os pacientes surdos tenham melhor qualidade de atendimento. Sabemos que a falta de habilidade com esta língua torna-se uma barreira, distanciando o paciente surdo do profissional da

saúde, gerando prejuízos para ambos os lados, dificultando a consulta e provável diagnóstico.

A relação criada com o paciente é um dos mais preciosos aspectos do cuidar em enfermagem, é através dessa comunicação que o enfermeiro possibilita a constituição de vínculos com o cliente e a familiares. Para que esse processo comunicativo com o deficiente auditivo seja eficaz, é essencial entender e ser entendido. O problema de diálogo pode prejudicar muito no acolhimento ao paciente. O fracasso desse processo pode levar o paciente a se sentir afastado e abandonado, e não obter melhora em seu estado de saúde. Por ser um conjunto pequeno e específico, tem seus próprios costumes o que pode prejudicar mais ainda a comunicação (BARBOSA; CHAVEIRO, 2005).

Para Chaveiro, Barbosa e Porto (2008), aprender a Língua de Sinais e aprimorar os conhecimentos acerca da comunicação desse grupo de pacientes é fundamental para a perfeita comunicação entre o enfermeiro e o paciente, isso possibilita que o mesmo possa entender e observar seu cliente em todos os aspectos e não apenas a sua enfermidade.

3.4 O ENFERMEIRO E A COMUNICAÇÃO COM O PACIENTE PORTADOR DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO RELACIONAMENTO TERAPÊUTICO

Ao tentar se comunicar com deficientes auditivos “os enfermeiros e a equipe de saúde em geral se sentem frustrados, impotentes e impacientes, por não conseguirem se comunicar, seja através de gestos ou da leitura labial. Geralmente, preferem a transferência da responsabilidade da comunicação para os familiares, muitas vezes passando despercebidas a angústia e as dificuldades que os clientes passam” (GOMES *et al.*, 2009).

Mímica, leitura labial, escrita, a linguagem de sinais, figuras, desenhos, expressão corporal e até mesmo a utilização de acompanhantes e intérpretes durante o atendimento em saúde são métodos de comunicação não-verbais, técnicas que auxiliam na verbalização do paciente durante a consulta de enfermagem, favorecendo a comunicação terapêutica (BRITTO; SAMPERIZ, 2010).

Segundo Corrêa *et al.* (2010), a deficiência de intérpretes durante as consultas com o portador de deficiência auditiva favorece com que esse paciente encontre dificuldades durante o seu atendimento. Os sentimentos de discriminação e exclusão também são relatados por eles

ao perceberem que não possuem completo acesso de comunicação com o profissional que faz o atendimento.

A presença de intérpretes é importante durante as consultas de enfermagem com o paciente portador de deficiência auditiva, porém isso faz com que o enfermeiro não realize inclusão perfeita, prestada somente com a presença do paciente e do profissional, sem outros tipos de intermediações, visto que muitas vezes, a doença já pode ter se agravado antes que se consiga o auxílio de um intérprete (TRECOSI; ORTIGARA, 2013).

A intervenção dos familiares durante a consulta pode auxiliar bastante, mas também pode atrapalhar. Apesar de representar uma ajuda, a família pode dificultar não permitindo a autonomia do deficiente auditivo, deixando-o como antagonista de seu processo terapêutico. É importante que o próprio paciente relate as queixas e receba as intervenções, se for o acompanhante que explicar os problemas o paciente não tem oportunidade de apresentar suas perguntas (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

A comunicação com o paciente portador de deficiência auditiva é, sem dúvidas, um dos grandes desafios para os enfermeiros. Por isso, é necessário que haja uma “adequada inclusão social” nas unidades de saúde em geral, porque somente assim poderá ser prestado atendimento de qualidade e humanizado à esses pacientes (CHAVEIRO; BARBOSA, 2004).

Corrêa *et al.* (2010, p.6) relata que:

No momento em que o surdo procura atendimento de saúde, ele depara com situações que interferem negativamente na qualidade do processo de comunicação, e assim encontra dificuldades em entender a fala do profissional, pois este geralmente não se preocupa em evidenciar a boca, falam rápido ou usam termos técnicos que os surdos não compreendem. Na grande maioria das vezes, precisam de pessoas que traduzam suas emissões para os profissionais e vice-versa. Relatam ainda que as falas demonstram que o processo de comunicação gera medo no surdo quando ele se apresenta desacompanhado para o atendimento em saúde.

Fatos como esse ocorrem, pois, muitas vezes, a relação entre profissional e o paciente deficiente auditivo é prejudicada pela comunicação ineficaz. Além disso, o deficiente auditivo é visto como parte de prática de saúde, sendo a surdez relacionada à patologia caracterizando uma doença a ser curada. Portanto, deve-se ser mantidos esforços para que o atendimento a esse cliente seja humanizado, evitando o acontecimento de episódios similares ao citado, garantindo-lhe uma assistência qualificada (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

A relação paciente-enfermeiro precisa ter uma postura humanizada, assegurando o atendimento de suas necessidades em totalidade. Fatos esses que precisam acontecer não somente em serviços de saúde, como também em sociedade, que deve habituar-se às necessidades dos portadores de deficiência de qualquer natureza, auditiva ou não, lembrando que essas possuem direitos, deveres como todos os demais, podendo desempenhar seu papel de cidadão com liberdade e autonomia (SILVA; BASSO; FERNANDES, 2014).

Acredita-se, assim que deve haver a capacitação dos enfermeiros para que tenha uma comunicação eficiente com esses pacientes, possibilitando o entendimento de suas necessidades, analisando-o de forma holística, podendo assim manter uma assistência de qualidade, visando à diminuição de suas angústias. É importante que haja a conscientização dos profissionais da área, bem como dos estudantes acerca da importância do estudo da Língua de Sinais, a fim de melhorar sua atuação no atendimento aos deficientes auditivos (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

4 MATERIAL E MÉTODO

4.1 TIPOS DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória, na qual foram buscados artigos científicos em língua portuguesa, publicados entre os anos de 2007 e 2016 e acessíveis em bibliotecas virtuais acessadas através do *site* de buscas Google Acadêmico utilizando os descritores: assistência de enfermagem e paciente deficiente auditivo, juntamente com o booleano “AND”.

Uma das principais finalidades da pesquisa exploratória é “desenvolver, esclarecer e modificar ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos os hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2012, p. 27). Para Marconi e Lakatos (2003), o estudo exploratório tem por objetivo constituir uma problemática para a realização de uma pesquisa futura mais clara ou alterar e elucidar ideias.

A pesquisa bibliográfica é o levantamento de estudos já divulgados, em revistas, livros, artigos, publicações avulsas e imprensa escrita. Espera-se fazer com que o pesquisador tenha relação direta com todo o material escrito sobre um determinado tema, ajudando o escritor na crítica de suas pesquisas ou na manipulação de seus dados (MARCONI, LAKATOS, 2003).

4.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram incluídos neste estudo os artigos publicados no período de 2007 a 2016, em português, disponíveis na íntegra. Foram excluídas dissertações, teses, livros, artigos pagos e escritos em outros idiomas.

4.3 COLETA DE DADOS

Os artigos foram buscados nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Centro

Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), acessados através do *site* de buscas Google Acadêmico.

Os artigos selecionados para o estudo foram relacionados em um quadro sinóptico contendo as seguintes informações: ano da publicação, nomes dos autores e titulação, revista de publicação, objetivos do estudo e método do estudo.

Os artigos foram buscados utilizando-se as seguintes palavras chaves: assistência de enfermagem AND pacientes deficientes auditivos.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os artigos que compuseram esta pesquisa foram lidos, analisados e inseridos de acordo com os objetivos estabelecidos.

4.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, conforme determina a Resolução 196 de 1996 do Conselho Nacional de Saúde.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES DEFICIENTES AUDITIVOS

A partir dos descritores: assistência de enfermagem AND paciente deficiente auditivo foram encontrados 6460 resultados, limitando para o período de 2007 a 2016 a amostra passou a ser de 5410, refinando a busca apenas para a língua portuguesa tive o resultado de 5200 estudos, retirando patentes e citações obtive 5170 pesquisas, considerando o tema da pesquisa foram localizados 36 artigos que após a leitura dos resumos foram obtidos 7 estudos que se adequam aos objetivos dessa pesquisa.

Os artigos utilizados para a amostra do estudo foram descritos em um quadro sinóptico contendo os seguintes dados: autores, nome do artigo, ano da publicação, revista de publicação, objetivos e métodos (Quadro 01).

Dos 21 autores dos artigos científicos selecionados para este estudo, 4,8% são mestres em letras e 95,2% são enfermeiros, destes 30% são acadêmicos de enfermagem; 30% possuem título de bacharel em enfermagem; 35% são mestres em enfermagem; e 5% são doutores em enfermagem, evidenciando o interesse crescente dos enfermeiros pela assistência relacionada ao paciente portador de deficiência auditiva.

Os artigos abordam os aspectos da comunicação do enfermeiro com o paciente deficiente auditivo e as dimensões da assistência de enfermagem, relacionando com a utilização da Linguagem Brasileira de Sinais no processo comunicativo, verifica a importância da consulta de enfermagem e eficácia da mesma como instrumentos de cuidado ao paciente portador de deficiência auditiva. Percebe-se então, a preocupação dos estudiosos de como as formas de comunicação com esses pacientes interferem no processo terapêutico dos mesmos.

Os textos do estudo foram tornados públicos em 14,4% por revista sobre cuidados, 28,5% por revistas específicas de enfermagem e 57,1% pelas instituições de ensino que foram realizados. A pesquisa bibliográfica mostra a escassez de publicações sobre a assistência de enfermagem ao deficiente auditivo e principalmente, sobre o cuidado. Denotando a necessidade de mais estudos das revistas específicas da área e especialmente das revistas voltadas ao cuidado.

Quadro 1- Sinopse dos artigos selecionados para o estudo

ITEM	AUTOR	NOME DO ARTIGO	ANO	REVISTA DE PUBLICAÇÃO	OBJETIVOS	MÉTODO
01	PAGLUICA, L.M.F.; FIÚZA, N.L.G. REBOUÇAS, C.B.A.	Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo	2007	Revista da Escola de Enfermagem da USP	Identificar as dificuldades de comunicação da enfermeira com o surdo, as estratégias de comunicação que o profissional adotou, como também perceber o relacionamento com esta clientela e as sugestões para melhorar a comunicação entre enfermeiros e surdos.	Estudo do tipo descritivo-exploratório, realizada em quatorze hospitais da cidade de Fortaleza-CE, por meio de perguntas abertas.
02	AGUIAR, F.S.; MARCUCCI, R.M.B.	Uso da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) na comunicação enfermeiro-paciente portadores de deficiência auditiva.	2009	Revista de Enfermagem UNISA	Aprofundar os conhecimentos sobre LIBRAS, a Linguagem Brasileira de Sinais e avaliar seu uso na comunicação entre o enfermeiro e o portador de deficiência auditiva.	Revisão bibliográfica
03	CORRÊA, C.S.; PEREIRA, L.A.C.; BARRETO, L.S.; CELESTINO, P.P.F.; ANDRÉ, K.M.	O despertar do enfermeiro em relação ao paciente portador de deficiência auditiva	2010	Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental Online	Identificar os problemas vivenciados pelo deficiente auditivo nos serviços de saúde e a importância da comunicação do enfermeiro com o paciente surdo interferindo na qualidade da assistência.	Pesquisa bibliográfica
04	TRECOSSI, M.O.; ORTIGARA,	Importância e eficácia das consultas de enfermagem ao	2013	Revista de Enfermagem	Discutir sobre a importância e eficácia das consultas de enfermagem aos pacientes surdos	Revisão de Literatura

	E.P.F.	paciente surdo				
05	PERES, L.S.; ROCHA, L.P.O.; REIS, D.S.	Identificação das ações e estratégias de comunicação da equipe de enfermagem frente ao paciente portador de deficiência auditiva durante o período de internação	2014	Revista Univar	Verificar os conflitos e desafios existentes no atendimento pela equipe de enfermagem, à pessoa com deficiência auditiva.	Pesquisa de abordagem quantitativa através de questionário com perguntas abertas e fechadas pré-elaboradas,
06	SILVA, P.S.; BASSO, N.A.S.; FERNANDES, S.R.C.M.	A enfermagem e a utilização da língua brasileira de sinais no atendimento ao deficiente auditivo	2014	Revista UNINGÁ Review	Revisar na literatura científica a importância da comunicação por meio de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), na assistência de saúde ao deficiente auditivo (surdo)	Pesquisa bibliográfica exploratória
07	GIUSTINA, F.P.D.; CARNEIRO, D.M.N.; SOUZA, R.M. de.	A enfermagem e a deficiência auditiva: assistência ao surdo	2015	Revista de Saúde da Fiaciplac	Conhecer a assistência de enfermagem aos surdos; identificar as dificuldades enfrentadas no cotidiano dessa assistência; e investigar como a equipe de Enfermagem lida com as interferências na comunicação com o cliente.	Pesquisa de campo, exploratória, descritiva, com abordagem qualitativa, realizada através de um questionário misto aplicado a equipe de enfermagem.

Os estudos objetivam identificar a importância da comunicação do enfermeiro com o deficiente auditivo, as dificuldades encontradas nesse processo, as estratégias que o profissional adota ao se deparar com essa clientela, verificando a importância de saber a Língua Brasileira de Sinais e como esses fatores interferem na qualidade da assistência.

Os métodos de pesquisas utilizados pelos pesquisadores do estudo são de campo desenvolvidos com a utilização de questionários e entrevistas com abordagem qualitativa (28,5%); e de abordagem quantitativa (14,4%); e sua maioria, (57,1%), de revisão da bibliografia. Os principais resultados e conclusões serão abordados nos capítulos seguintes.

5.2 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES DEFICIENTES AUDITIVOS

O paciente portador de deficiência auditiva precisa de interlocução para expressar suas queixas e sintomas. O contato com os profissionais de saúde deve estabelecer um relacionamento terapêutico em que haja plena compreensão das necessidades do paciente, bem como das orientações acerca de seu tratamento.

O paciente com deficiência auditiva precisa que o enfermeiro proporcione uma comunicação eficiente, onde haja perfeita compreensão das informações passadas pelo profissional para o paciente e do paciente para o profissional, caso contrário colocaria em risco a qualidade do cuidado prestado (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

É através da comunicação com o deficiente auditivo que o enfermeiro deve entendê-lo com um olhar holístico, e como este vê o mundo, ou seja, seus sentimentos, pensamentos e ações. Dessa maneira poderá identificar as reais necessidades do paciente tendo como objetivo a prestação de assistência humanizada e a minimização de suas angústias (GIUSTINA; CARNEIRO; SOUZA, 2015; PAGLUICA; FIÚZA; REBOUÇAS, 2007; CORRÊA et al., 2010).

Com isso, será capaz de proporcionar a esses a integralidade, a equidade e universalidade na assistência que são princípios do SUS, identificando os fatores que interferem na saúde do cliente (PERES; ROCHA; REIS, 2014).

Contudo, é necessária a humanização do cuidado e garantia de total das necessidades do deficiente auditivo, assegurando proteção, promoção e recuperação de sua saúde, prestando assim uma assistência qualificada (SILVA; BASSO; FERNANDES, 2014).

Sendo assim, investir na qualidade da formação do enfermeiro para o atendimento do deficiente auditivo, favorece uma assistência qualificada, proporciona igualdade social e dá a chance desse indivíduo de conquistar seu espaço na sociedade (CORRÊA, *et al.*, 2010; TRECOSI; ORTIGARA, 2013).

5.3 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS ENFERMEIROS NA COMUNICAÇÃO COM O PACIENTE DEFICIENTE AUDITIVO NA PRESTAÇÃO DO CUIDADO

É bastante evidente a necessidade de um tradutor da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para mediar a assistência de saúde ao paciente deficiente auditivo. Porém, a assistência de enfermagem manifesta essa necessidade de forma mais intensa, considerando-se o desenvolvimento dos cuidados e a necessidade de estreitamento do relacionamento terapêutico.

Muitas vezes pela falta da presença de intérpretes para garantir a comunicação entre o enfermeiro e o paciente na instituição de saúde, quem acaba realizando a intermediação dessas conversas são os familiares, o que torna a assistência deficiente, pois, o paciente não se sente à vontade para relatar suas queixas e problemas, podendo não ficar informado das características de sua patologia, fazendo com o enfermeiro não consiga observar suas necessidades em totalidade, e nem transmitir os cuidados necessários, tornando o cuidado desumano (CORRÊA *et al.*, 2010; SILVA; BASSO; FERNANDES, 2014)

É clara a necessidade de um intérprete para realizar o intermédio na comunicação entre o enfermeiro e o paciente deficiente auditivo (SILVA; BASSO; FERNANDES, 2014; PAGLIUCA; FIUZA; REBOUÇAS, 2007). Todavia, a utilização desse profissional nem sempre é eficaz, pois o enfermeiro não consegue realizar inclusão completa, já que o paciente pode desejar segredo sobre sua consulta, não se fazendo cumprir o direito individual da saúde. (PAGLIUCA; FIUZA; REBOUÇAS, 2007; TRECOSI; ORTIGARA, 2013; PERES; ROCHA; REIS, 2014).

Diante de toda essa situação a primeira dificuldade envolve o despreparo do enfermeiro para proceder essa tradução, ou seja, compreender e se fazer compreendido.

Segundo Pagliuca, Fiuza e Rebouças (2007), quando o profissional se depara com o paciente deficiente auditivo, nota-se a carência que este tem de uma assistência qualificada,

por o enfermeiro não conseguir ter uma comunicação total e efetiva com essa clientela. Isso se deve ao despreparo com que esses profissionais saem da academia para essa atividade. Para Corrêa *et al.* (2010) e Trecossi e Ortigara (2013), esse fato se concretiza ao perceber a falta de enfermeiros capacitados para atender o deficiente auditivo, fazendo com que haja interferência negativa na prestação do cuidado.

Por isso, é notável a insegurança por parte do profissional ao se relacionar com esse grupo de clientes, fazendo com que o mesmo se sinta excluído do serviço de saúde, por não conseguir adquirir informações precisas sobre o processo saúde-doença bem como da terapêutica a ser adotada (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

Outra dificuldade importante detectada nas práticas da academia de enfermagem é o desconhecimento dos próprios pacientes acerca da linguagem de sinais.

Há diversas maneiras de comunicação com o deficiente auditivo, porém, o enfermeiro é quem decide a forma mais adequada e que tem mais segurança para se comunicar com essa clientela. Mesmo que o profissional tenha domínio da Linguagem Brasileira de Sinais, nem sempre ela é a forma mais adequada de conversar com o deficiente auditivo, pois, por se tratar de um grupo que tem sua própria cultura eles constituem formas de comunicação com gestos isolados e próprios entre si que podem dificultar o entendimento do enfermeiro. Além disso, o grau de escolaridade pode interferir diretamente no processo comunicativo do profissional com o paciente. É necessário conhecer o paciente e a adequar-se às suas singularidades para que possa ser escolhida a melhor maneira de se comunicar com estes (AGUIAR; MARCUCCI, 2009; PAGLIUCA; FIUZA; REBOUÇAS, 2007).

Todos esses aspectos comprometem sobremaneira a privacidade do paciente e põe em risco a efetividade dos processos terapêuticos.

No que se refere ao atendimento de deficientes auditivos, identifica-se que os obstáculos de comunicação, a falha no preparo, e a falta de paciência do profissional ao atender esses pacientes prejudicam o tratamento das doenças, interferindo negativamente em seu cuidar, diminuindo a qualidade dessa assistência (CORRÊA *et al.*, 2010; TRECOSI; ORTIGARA, 2013; PERES; ROCHA; REIS, 2014).

Trecossi e Ortigara (2013), ainda ressaltam que quando há uma relação comunicativa eficaz entre o profissional e o paciente e quando há a troca de informações corretas e o entendimento dessas informações de ambos os lados, sem que haja a necessidade de

intermediação nessa conversa, mantendo o sigilo entre o enfermeiro e o paciente, a assistência se torna mais humanizada e inclusiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que possa haver a troca de informações entre o paciente portador de deficiência auditiva e o enfermeiro é necessário que ambos tenham conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). É através desta que o profissional é capaz de compreender melhor os sintomas e queixas por eles apresentados, e transmitir informações sobre seu estado de saúde, bem como do processo terapêutico a seguir. Questões essenciais para melhoria da assistência prestada.

A grande dificuldade encontrada pela equipe de enfermagem, em especial pelo enfermeiro, ao atender um deficiente auditivo é a falha no processo comunicativo entre eles. Isso se deve a deficiência do ensino de LIBRAS durante a graduação, e o pouco interesse que estes têm em procurar uma especialização específica na área após o término da mesma. Isso faz com que não haja uma assistência específica voltada ao cliente com deficiência auditiva.

Porém, mesmo que o profissional tenha o domínio da Língua Brasileira de Sinais, ainda pode encontrar obstáculos ao lidar com o deficiente auditivo, pois o mesmo possui um grupo familiar e social do qual tem contato desde a infância, isso faz com que criem uma forma de se comunicar própria e específica, dificultando assim que o profissional entenda gestos pelos quais não havia tido contato antes e, também, de transmitir termos técnicos que este paciente possa não ter conhecimento.

Portanto, apenas ter o domínio da LIBRAS não é o suficiente para ter uma comunicação terapêutica eficaz. É preciso que o enfermeiro tenha um olhar holístico e humanizado, sendo capaz de identificar manifestações não verbais importantes, como expressões faciais e corporais, murmúrios e suspiros, que podem indicar o grau de dor, angústia e anseio desse paciente, podendo assim o enfermeiro construir um diagnóstico preciso e delimitar uma atenção mais adequada, procurando atender suas necessidades básicas.

Com isso, a necessidade de utilização de intérpretes de LIBRAS durante as consultas de enfermagem é algo evidente para tentar minimizar a falha na comunicação entre o enfermeiro e o paciente deficiente auditivo, visto que, é nesse momento que o profissional deve absorver o máximo de informações possíveis a respeito do estado de saúde bio-psico-social do seu cliente e procurar transmitir informações precisas, a fim de proporcionar um processo terapêutico eficiente.

Porém, nota-se a escassez de profissionais no sistema de saúde que possam mediar esse diálogo, e mesmo quando encontrados, sua presença na comunicação terapêutica pode por em risco a privacidade da consulta, onde o paciente pode não se sentir a vontade para expor suas queixas, não sendo realizada a inclusão total desse cliente. Podendo, assim, prejudicar o entendimento do enfermeiro acerca dos sinais e sintomas que o acometem, bem como do paciente em compreender seu estado de saúde atual.

Contudo, nota-se a importância que o enfermeiro tem sobre o processo saúde-doença do paciente portador de deficiência auditiva, visto que este é responsável por prestar assistência direta a essa clientela. Com isso, é necessário ter uma ampliação e aprofundamento do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) durante a graduação e/ou o incentivo à realização de especializações nesta área da saúde, para que o profissional tenha conhecimento técnico e científico a fim de realizar uma assistência mais direcionada e adequada às necessidades desse tipo de cliente, com um olhar holístico e humanizado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F.S.; MARCUCCI, R.M.B. Uso da linguagem Brasileira de Sinais na comunicação enfermeiro-paciente portador de deficiência auditiva. **Rev Enferm UNISA**, v. 10, n. 2, p.144-8, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/J2R1NV8M/2009-2-08.pdf> Acesso em: 04 set. 2016.

BARBOSA, M.; CHAVEIRO N. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 36, n. 4, p. 417-22, 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342005000400007&script=sci_bstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 set. 2016

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial**. Brasília: MEC, SEESP, 1994.

BRITO, F.R.; SAMPERIZ, M.M.F. Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 80-5, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/GOA2HICU/pt_1679-4508-eins-8-1-0080.pdf >. Acesso em: 04 set. 2016

CARDOSO, A.H.A.; RODRIGUES, K.G.; BACHION, M.M. Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. **Revista Latino-am Enfermagem**, v. 14, n.4, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/J2R1NV8M/pt_v14n4a13.pdf >. Acesso em: 04 set. 2016

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 06 de set. 2016.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA. M.A.. A surdez, o surdo e seu discurso. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 166-177, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/820/947>>. Acesso em: 04 set. 2016

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A.; PORTO C.C. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde. **Revista Escola de enfermagem da USP**, v. 42, n. 3, p. 578-583, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/98F6KYCY/v42n3a22.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016

COFEN. **Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem**. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 2007.

CORRÊA, C.S.; PEREIRA, L.A.C.; BARRETO, L.S.; CELESTINO, P.P.F.; ANDRÉ, K.M.. O despertar do enfermeiro em relação ao paciente portador de deficiência auditiva. **Rev de Pesq.: cuidado é fundamental online**, v. 2, n. 2, p. 758-769, 2010. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=22084&indexSearch=ID>>. Acesso em: 04 set. 2016

FALCÃO, L. A. B.. **Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos**. 2. ed. Recife: Editora do Autor, 2011.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIUSTINA, F.P.D.; CARNEIRO, D.M.N.; SOUZA, R.M. A enfermagem e a deficiência auditiva: assistência ao surdo. **Revista de Saúde da Fiaciplac Brasília**, v. 2, n. 1, jan - Dez 2015. Disponível em: <<http://revista.fiaciplac.edu.br/index.php/RSF/article/view/101>>. Acesso em: 04 set. 2016

GOMES, V.; SOARES, M.C.; MUNIZ, R.M.; SILVA, JR.S. Vivência do enfermeiro ao cuidar surdos e/ou portadores de deficiência auditiva. **Rev eletro cuatrimestral de enfermagem: Enfermeria Global**, n. 17, 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/GOA2HICU/75171-312621-1-PB.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2016

KALATAI, P.; STREIECHEN, E.M. **As Principais Metodologias Utilizadas na Educação dos Surdos no Brasil**. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2016.

KANTORSKI, L.P.; DE PINHO, L.B.; SAEKI, T.; DE MELLO E SOUZA, M.C.B. Relacionamento terapêutico e ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental: tendências no Estado de São Paulo. **Rev Esc Enferm USP**, 39(3):317-24, 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/98F6KYCY/10.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2016

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2ed. São Paulo/Rio de janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MORAIS, G.S.N.; COSTA, S.F.G.; FONTES, W.D.; CARNEIRO, A.D. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. **Acta Paul Enferm.** 22(3):323-7, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/J2R1NV8M/a14v22n3.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016

OLIVEIRA, G.A.S. O surdo: meios de comunicação. In: **9º Simpósio Ensino de Graduação-UNIMEP**, 2011.

OLIVEIRA, P.S.de; NÓBREGA, M.L. da; SILVA, A.T. da; FILHA, M.O.F. Comunicação terapêutica em enfermagem revelada nos depoimentos de pacientes internados em centro de terapia intensiva. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 07, n. 01, p. 54 – 63, 2005. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/861> >. Acesso em: 04 set. 2016

OLIVEIRA, Y.C.A.; COSTA, G.M.C.; COURA, A.S.; CARTAXO, R.O.; DE FRANÇA, I.S.X. A língua brasileira de sinais na formação dos profissionais de enfermagem, fisioterapia e odontologia no estado da Paraíba, Brasil. **Rev Comunicação Saúde e Educação**, v. 16, n. 43, p. 995-1008, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832012000400011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 04 set. 2016

PAGLIUCA, L.M.F.; FIÚZA, N.L.G.; REBOUÇAS, C.B.A. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. **Rev Esc Enferm USP** 41(3):411-8, 2007. Disponível em:<file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/D44MZHJV/10.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016

PEIXOTO, R.C. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 26, n. 69, p. 205-229, maio/ago. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/98F6KYCY/a06v2669.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016

PERES, L.S; ROCHA, L.P.O; REIS, D.S. **Identificação das ações e estratégias de comunicação da equipe de enfermagem frente ao paciente portador de deficiência auditiva durante o período de internação.** **Rev. Uningá.** N°.:12 Vol.:2 p.:37 – 43, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/J2R1NV8M/20131231_1701442.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016

PONTES, A.C.; LEITÃO, I.M.T.A.; RAMOS, I.C. Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. **Rev Bras Enferm**, Brasília maio-jun; 61(3): 312-8, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/GOA2HICU/a06v61n3.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016

POKER, R.B.. **Abordagens de Ensino na Educação da Pessoa com Surdez**. LIBRAS à Distância. UNESP. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/LIBRAS/mec_texto2.pdf> Acesso em: 04 set. 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2º ed. Rio Grande do Sul, 2013.

SILVA, P.S.; BASSO, N.A.S.; FERNANDES, S.R.C.M. A enfermagem e a utilização da língua brasileira de sinais no atendimento ao deficiente auditivo. **Revista Uningá Review**, v. 17, n. 1, p. 5-12, 2014. Disponível em: < <http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/compar4.php> >. Acesso em: 04 set. 2016

STEFANELLI, M.C. Relacionamento terapêutico enfermeira-paciente. **Rev Esc Enferm USP** 1983; 17(1):39-45. Disponível em: < <file:///C:/Users/Biblio2/AppData/Local/Microsoft/Windows/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/98F6KYCY/10.pdf> >. Acesso em: 04 set. 2016

TRECOSSI, M.O.; ORTIGARA, E.P.F.; Importância e eficácia das consultas de enfermagem ao paciente surdo. **Revista de Enfermagem**, v. 9, n. 9, p. 60-69, 2013. Disponível em: < <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadeenfermagem/article/view/938>>. Acesso em: 04 set. 2016